



AÇÃO CRISTÃ VOYÔ ELVÍRIO

Viver para aprender, Aprender para viver.

Estrela Guia de Aruanda



*Adorê
as Almas!*

ANO IX · MAIO, 2026

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Programação: Abril 2026

#	DIA	DESCRIÇÃO
1	Sexta	FERIADO Palmelo - Médiuns de Palmelo
2	Sábado	Valparaíso - Gira Pretos-Velhos
3	Domingo	Saia Velha-Trabalho na Natureza
5	Terça	Estudos on-line
6	Quarta	Desenvolvimento
7	Quinta	Cristalina - Palestra, prece e passe
8	Sexta	Palmelo - Médiuns de Palmelo
9	Sábado	Valparaíso - Gira de Esquerda
12	Terça	Estudos on-line
13	Quarta	Desenvolvimento - Energia Pretos-Velhos
14	Quinta	Cristalina - Palestra, prece e passe
15	Sexta	Cristalina - Médiuns de Brasília, Cristalina e Palmelo HOMENAGEM A YORIMÁ
16	Sábado	Valparaíso-Gira Pretos-Velhos HOMENAGEM A YORIMÁ
19	Terça	Estudos on-line
20	Quarta	Desenvolvimento
21	Quinta	Cristalina - Palestra, prece e passe
22	Sexta	Palmelo - Médiuns de Brasília, Cristalina e Palmelo HOMENAGEM A YORIMÁ (Linhas de Pretos-Velhos)
23	Sábado	Valparaíso - Gira de Ciganos
26	Terça	Estudos on-line
27	Quarta	Desenvolvimento - Energia Cigana
28	Quinta	Cristalina - Palestra, prece e passe
29	Sexta	Palmelo - Médiuns de Palmelo
30	Sábado	Valparaíso - Gira de Pretos Velhos



Horário das giras

Valparaíso - 14h30

Palmelo - 19h30

Cristalina - 19h30

Expediente EGA

Curadoria doutrinária:

- Pai Pedro Lettieri

Editores-chefes:

- Camila Vidal
- Lucius Lettieri

Editora:

- Sabrina Soliane

Diagramação:

- Augusto Brasil







Instagram:

[acve.acve](https://www.instagram.com/acve.acve)

Nesta Edição

Esta edição é dedicada aos Pretos-Velhos, guardiões da sabedoria ancestral, com foco em seu acolhimento, cura e iluminação. Os pretos-velhos são entidades de profunda reverência na Umbanda, portadores de um saber sereno e transformador, reverenciados como guias de cura, paciência e amor silencioso.

Conteúdo

- ❖  **Editorial** – Fio de Contas e Memórias
- ❖ Pretos-Velhos: a sabedoria que acolhe, cura e ilumina
- ❖ Patuá: a proteção
- ❖  **Elemento Ar** – O sopro que move a mente e o espírito
- ❖ Memento Mori
- ❖  **Ôh Crumbeiro** - Xamanismo e os estados alterados da consciência
- ❖ Relação com os guias: sintonia moral e responsabilidade espiritual
- ❖ Maria Madalena: símbolo de transformação e fidelidade espiritual
- ❖  **Salve as Folhas** – Pretos-Velhos e o saber das ervas
- ❖ Umbanda tem fundamento – Indicações de leitura e conteúdo



Fio de Contas e Memórias

Recentemente, após o culto no lar, vivi um desdobramento espiritual que me marcou profundamente. Vi-me em um coletivo repleto de espíritos encarnados e desencarnados, todos conduzidos a uma região umbralina, de vibração densa, marcada por práticas de luxúria e forte desarmonia energética. Ainda assim, em nenhum momento me senti só. A presença de espíritos amigos e familiares foi constante, como uma rede de proteção silenciosa e firme.

Reconheci meu avô materno e meu pai carnal, ambos já desencarnados, que se aproximaram com serenidade e autoridade amorosa. Suas orientações foram claras: manter a mente em oração contínua, como forma de sustentar o equilíbrio e a proteção naquele ambiente espiritualmente desafiador. Não se tratava apenas de observar, mas de participar de uma ação de socorro àqueles que ainda se encontram presos às ilusões da ignorância espiritual.

Essa experiência reforça um ensinamento fundamental da Doutrina Espírita: o sono do corpo não é a inatividade do espírito. Conforme nos orienta O Evangelho Segundo o Espiritismo, especialmente nas preces finais da coletânea, o recolhimento antes do repouso físico é um convite ao trabalho no plano espiritual. Foi justamente ao recordar que havia feito a prece do anjo guardião antes de dormir que compreendi a sintonia que me permitiu acessar e sustentar essa vivência.

A viagem astral, ou desdobramento, não é privilégio de poucos, mas possibilidade inerente ao espírito encarnado. No entanto, a qualidade dessa experiência está diretamente ligada ao padrão vibratório que cultivamos no cotidiano. Pensamentos elevados, disciplina moral, vigilância e oração não são apenas recomendações doutrinárias — são instrumentos reais de proteção e direcionamento espiritual.

O contato com regiões inferiores não deve nos causar medo, mas sim responsabilidade. Ali, encontramos irmãos em sofrimento, muitas vezes presos a vícios, paixões e ilusões que também já fizeram parte de nossa caminhada. O socorro espiritual é, antes de tudo, um ato de caridade. E para servir, é preciso estar minimamente equilibrado.

Essa vivência também evidencia a importância dos laços espirituais que transcendem a matéria. Os espíritos familiares e mentores não se afastam; acompanham, orientam e protegem conforme nossa abertura e merecimento. A gratidão por essa assistência deve se traduzir em compromisso com a própria reforma íntima.

Despertar com a lembrança vívida de uma experiência como essa não é acaso. É chamado. É convite à consciência de que a vida espiritual é contínua e de que nossas escolhas, pensamentos e atitudes repercutem para além do plano físico. Que possamos, portanto, cultivar diariamente a vigilância e a oração, mantendo-nos conectados a Deus e aos bons espíritos. Não como hábito mecânico, mas como prática viva de elevação. Porque é na sintonia com o bem que encontramos não apenas proteção, mas também propósito.

E é nesse mesmo sentimento de humildade, serviço e caridade que somos convidados a mergulhar na leitura desta edição do Estrela Guia de Aruanda, dedicada aos amados pretos-velhos. Assim como na experiência vivida, são eles que, com sua sabedoria ancestral e seu amor silencioso, descem às regiões mais densas para acolher, orientar e conduzir aqueles que necessitam de amparo. Que possamos reconhecer, nesses guias de luz, o exemplo vivo de entrega ao próximo — e compreender que o verdadeiro desenvolvimento espiritual passa, inevitavelmente, pelo exercício do amor, da paciência e da fé.

*Com carinho a todos filhos e consulência,
Pai Pedro Lettieri*



Pretos-Velhos: a sabedoria que acolhe, cura e ilumina

Mãe Cátia Regina

Dentro da rica e diversa tradição da Umbanda, os pretos-velhos ocupam um lugar de profundo respeito e reverência. São espíritos de antigas criaturas que viveram experiências de dor, marcadas pela escravidão e pelas dificuldades da vida material, mas que, ao retornarem no plano espiritual, trazem consigo uma sabedoria serena e transformadora.

Sua presença nos terreiros é um convite ao silêncio interior, à escuta verdadeira e ao reencontro com a essência. Com fala mansa, gestos simples e olhar acolhedor, ensinam que nem tudo o que dói é castigo, mas, muitas vezes, aprendizado e evolução.

Os pretos-velhos nos mostram que o amor de Deus se manifesta nos pequenos gestos, no cuidado, no conselho e no abraço espiritual que sustenta aqueles que chegam fragilizados.

Quantas vezes buscamos respostas complexas, quando o que precisamos é de colo, fé e direção. Eles nos lembram que, em muitos momentos, não precisamos resolver os problemas alheios, mas sim oferecer presença, escuta e carinho. O verdadeiro auxílio nasce do amor sincero, e não da pressa ou da imposição.

Também nos convidam à reflexão sobre nossas atitudes. Toda vez que agimos com egoísmo, ingratidão ou descrença, nos afastamos da luz que tanto buscamos. Por isso, sua mensagem é um chamado constante à humildade, à paciência e à transformação interior.



No terreiro, sua energia é calma e profunda, um alento que a alma reconhece e pede. Ali, entre rezas e orientações, muitas dores encontram caminho de cura, e muitos corações reencontram a esperança.

Pretos-velhos ensinam que, mesmo na dor, existe sempre um caminho de luz. Que a fé, quando cultivada diariamente, se fortalece como raiz firme dentro de nós. Eles nos mostram que Deus pode ser sentido na bondade, no silêncio e na verdade do coração. E que diminuir a resistência, a mágoa e a tristeza é permitir que essa luz se expanda em nossa vida.

Que possamos aprender com sua sabedoria, acolher com mais amor e julgar menos. Que possamos confiar mais nos caminhos da espiritualidade e seguir com fé, mesmo diante das incertezas.

Que a presença dos pretos-velhos continue iluminando nossos passos, fortalecendo nossa fé e trazendo paz aos nossos corações.



Patuá: a proteção

Médium Diego Nolasco

Uso do patuá é uma prática que expressa, de forma marcante, o sincretismo religioso presente na cultura brasileira. Popularmente conhecido como bentinho, relíquia ou santinho, ele atravessa diferentes tradições e contextos históricos. Em estudos sobre cultura popular, especialmente no Dicionário do Folclore Brasileiro, Luís da Câmara Cascudo definiu: "Em sentido vulgar, patuá é uma espécie de breve oração cabalística contida em um saquinho, que o negro, o caboclo, o branco cangaceiro, usam como amuleto contra todos os males."

A origem dessa prática está profundamente ligada à cultura africana, especialmente aos povos mandingas, oriundos do antigo Império do Mali, região que hoje abrange países como Guiné e Gâmbia. Muitos desses grupos tiveram contato com a cultura árabe e adotaram o islamismo, religião que tem no Alcorão seu principal livro sagrado e estabelece práticas rigorosas de oração ao longo do dia. Nesse contexto, os mandingas já utilizavam, ainda na África, pequenos amuletos pendurados ao pescoço, nos quais eram inseridos trechos escritos do Alcorão, funcionando como proteção espiritual e também como forma de manter a conexão com sua fé.

Com o tráfico transatlântico de escravizados, muitos mandingas foram trazidos ao Brasil, trazendo consigo seus saberes e práticas religiosas. Aqui, chamaram a atenção por dominarem a leitura e a escrita em árabe, algo incomum entre outros grupos. Esse diferencial fez com que fossem observados de perto pelos senhores, que, ao mesmo tempo em que buscavam compreender suas práticas, também percebiam a força simbólica e espiritual presente nesses amuletos.

O patuá, como passou a ser conhecido no Brasil, é geralmente uma pequena bolsa de couro ou tecido, amarrada com barbante ou fio, que em seu interior elementos de proteção espiritual, como ervas, raízes, objetos benzidos e orações. Ao longo do tempo, essa prática foi sendo ressignificada e incorporada a diferentes tradições religiosas, mantendo, porém, sua essência protetiva.

Na Umbanda, o patuá assume um papel ainda mais simbólico. Pode ser usado junto ao corpo, geralmente no pescoço, ou permanecer no congá, em forma de caixa ou recipiente consagrado. Mais do que um simples amuleto, ele é entendido como um verdadeiro altar portátil, capaz de proteger o médium e fortalecer sua conexão com as entidades espirituais — especialmente com os pretos-velhos, guardiões de sabedoria, cura e acolhimento.



Referências:

- Dicionário do Folclore Brasileiro, volume 2. Luís da Câmara Cascudo. 1962.
- Folclore Nacional: Ritos, Sabença, Linguagem, Artes Populares e Técnicas Tradicionais. Alceu Maynard Araújo. 2004.
- Revista da Academia Brasileira de Letras, volume 29. 1929.



Ar - ☽ sopra que move a mente e o espírito

Médium Tamires Oliveira

Associado ao vento e ao sopra, o elemento ar é compreendido como um meio de elevação espiritual, representando um plano sutil entre o céu e a terra. Invisível e intangível, assim como as ideias, ele está ligado ao intelecto e ao pensamento — sendo o primeiro impulso para a criação. É a intuição, a abertura mental e a capacidade de renovação. No campo energético, relaciona-se aos chakras frontal e coronário.

Na prática mágica, o ar está associado à clareza de pensamento e à visualização da concretização. É um elemento utilizado em trabalhos voltados para viagens, liberdade, realização de sonhos, aquisição de conhecimento, busca pela verdade e até mesmo para encontrar aquilo que está oculto ou perdido. Conhecido como o "corpo mental", rege o raciocínio, a lógica e o planejamento, valorizando a troca de informações, o diálogo e a socialização. Na astrologia, está ligado aos signos de Gêmeos, Libra e Aquário, caracterizados pela adaptabilidade, curiosidade e constante busca por evolução.

Quando há carência do elemento ar, podem surgir dificuldades de comunicação, falta de cooperação e pouca reflexão. Em excesso, por outro lado, pode provocar ansiedade, superficialidade, confusão mental e desconexão com o corpo físico. Para equilibrar essa energia, práticas como o uso de incensos, defumações e a fumaça de charutos ou cachimbos são tradicionalmente utilizadas, auxiliando na harmonização da mente.

"Iansã representa a força da transformação, a rapidez das mudanças, a coragem e a inteligência criativa."

Na espiritualidade, Iansã é a Orixá que rege o elemento ar, manifestando-se nos

ventos, tempestades, raios e trovões. Representa a força da transformação, a rapidez das mudanças, a coragem e a inteligência criativa. Sua atuação está diretamente ligada ao equilíbrio mental e emocional, rompendo barreiras e desestabilizando situações estagnadas. Suas tempestades não apenas destroem, mas também purificam — limpam a atmosfera psíquica e física, preparando o caminho para o novo. Com seu instrumento sagrado, o eruexim, movimenta os ventos e conduz os espíritos, promovendo direção e renovação da fé.

Os ciganos, por sua natureza itinerante, também mantêm forte ligação com o elemento ar. Sempre em movimento, em busca de novos horizontes e conhecimentos, são frequentemente chamados de "filhos do vento". Essa conexão se expressa em elementos como a dança, os incensos, os leques e outros objetos simbólicos. O leque, por exemplo, auxilia na limpeza energética do ambiente, afastando influências negativas, enquanto a fumaça do incenso purifica e atrai boas energias. Já a dança atua como um poderoso instrumento de liberação emocional, movimentando energias estagnadas e promovendo leveza, expansão, liberdade e conexão espiritual.

Em síntese, o elemento ar nos convida ao equilíbrio entre pensar e agir. Ele nos lembra da importância da reflexão, mas também da ação. Quando os pensamentos estiverem excessivos, é preciso colocá-los em prática. Quando houver estagnação, é necessário movimento — ainda que seja apenas do corpo. E, diante da ansiedade, o convite é simples e essencial: respirar. Equilibrar a mente é caminhar na linha tênue entre o medo e a ação, permitindo que o fluxo da vida siga com leveza e consciência.

Referências:

- Aulas anteriores do Grupo Cigano. 2025.
- ANGEL, Brigitte. *Caravana do vento: celebrando o elemento ar*. 23 nov. 2012. Disponível em: <https://caravanadovento.wordpress.com/2012/11/23/celebrando-o-elemento-ar/>. Acesso em: 09 abr. 2026.
- LISBOA, Claudia. *Astrologia Luz e Sombra: elemento ar na astrologia — o que significa*. 23 mai. 2024. Disponível em: <https://astrologialuzesombra.com.br/elemento-ar-na-astrologia-o-que-significa/>. Acesso em: 09 abr. 2026.
- Astrolink. *Entendendo os 4 elementos*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.astrolink.com.br/artigo/elementos>. Acesso em: 09 abr. 2026.

Z



Memento Mori

Médiuns Augusto Brasil e Lucius Lettieri

A morte é movimento! Essa afirmação pode parecer contraditória, mas convido você a se aprofundar um pouco na história e na filosofia; assim, acredito que ela começará a fazer mais sentido.

Muitas vezes, evitamos tudo aquilo que ameaça a história confortável que contamos a nós mesmos. Nosso ego prefere ignorar o que confronta essa narrativa — ou ficamos paralisados diante da ideia de encarar a realidade como ela é. E existe uma verdade simples que a maioria de nós teme contemplar: a morte é inevitável. Nós, e todos ao nosso redor, vamos morrer.

Na Roma Antiga, enquanto generais discursavam para as multidões após vitórias em batalhas, havia a prática de colocar um auxiliar atrás deles sussurrando: “Lembra-te, tu és mortal”. Esse gesto deu forma à emblemática expressão em latim conhecida como *Memento Mori* — “lembre-se de que você vai morrer” (Tertuliano, Apologeticus, 33).

Longe de ser algo mórbido, essa prática era um convite à humildade, a fim de evitar a *húbris* (orgulho excessivo ou arrogância). Ela lembrava aos líderes que, apesar de toda a glória momentânea, continuavam sendo mortais. Essa filosofia foi adotada pelo estoicismo de Sêneca e Marco Aurélio, e ainda perdura.

No aspecto bíblico e religioso, a expressão se reflete na frase em Gênesis (3:19): “Do pó viemos e ao pó retornaremos”, lembrando-nos da finitude humana. Já em nossa casa de Umbanda, baseia-se na crença da morte como transformação, na qual há a perpetuação do espírito e a necessidade de progresso, mesmo após o desenlace do corpo físico. Crânios e caveiras expressam esse símbolo.

Dito isso, ficam os seguintes questionamentos: **a inevitável finitude da vida terrestre pode ser um ponto de força? A “morte” pode movimentar a vida?**

Por mais que *Memento Mori* seja um conceito antigo, sua necessidade é atual. Vivemos em um mundo marcado pelo excesso de estímulos, no qual o “saber que vamos morrer” pode ser um botão de emergência.

Na era em que o foco está nos likes, no dinheiro, na posse e nas aparências, a expressão deixa de ser um sussurro no ouvido dos generais para se tornar um grito de alerta — despertando-nos da ilusão e lembrando que nada disso é levado após a morte.



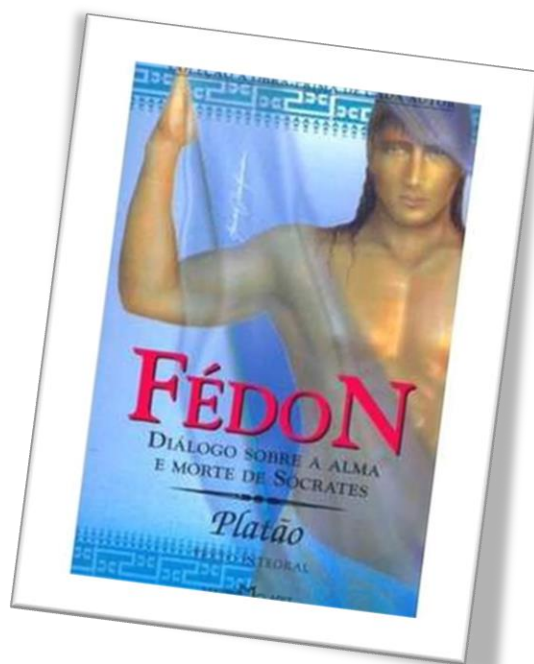
Isso pode reduzir a ansiedade de tentar “ter tudo” e nos reconectar ao “ser”.

Ademais, tendemos a viver como se fôssemos imortais, adiando sonhos, conversas importantes e o autocuidado. Ao aceitar que o tempo é finito, paramos de desperdiçá-lo com conflitos irrelevantes ou tarefas superficiais à alma.

A correria moderna nos faz viver em um futuro ansioso ou em um passado de remorsos. No fim, a morte pode ser usada como ponto de força — como movimento. Viver cada dia como se fosse o último — não com irresponsabilidade, mas com intensidade e presença. O lembrete da morte traz a consciência de que o agora é o melhor momento para viver.

"οἱ ὀρθῶς φιλοσοφοῦντες ἀποθνήσκειν μελετῶσι"
"Os que filosofam corretamente exercitam-se para morrer"
— Platão, Fédon, 64a (fala de Sócrates)

Clique na imagem e acesse o link para o livro



Xamanismo e os estados alterados de consciência

Médium Lucius Lettieri

Estados alterados de consciência ocupam um lugar ambíguo entre ciência, espiritualidade e cultura. Embora frequentemente associados a substâncias psicodélicas, tradições milenares mostram que também podem ser alcançados por meios endógenos, como o transe xamânico. Sob a perspectiva neurobiológica, o cérebro apresenta dinâmicas específicas durante essas experiências.

Nesse contexto, praticantes de xamanismo foram comparados a um grupo de controle por meio de eletroencefalografia de alta densidade. Os resultados indicaram aumento significativo na atividade da banda gama durante o tamboreio, associada a processos cognitivos complexos e integração sensorial. Isso sugere que as percepções relatadas possuem base neural, afastando a ideia de que seriam meras ilusões.

Outro aspecto relevante é a intensidade subjetiva das experiências. Os praticantes relataram níveis elevados de unidade, insight e êxtase, comparáveis ou superiores aos estados induzidos por psilocibina e MDMA. Esse dado desafia a noção de que experiências profundas dependem de agentes externos, apontando para mecanismos internos capazes de produzir estados complexos.

Do ponto de vista teórico, o estudo dialoga com a hipótese do cérebro entrópico, segundo a qual diferentes estados de consciência refletem variações no equilíbrio neural. O transe xamânico parece aumentar a "criticidade" do cérebro, especialmente nas bandas beta e gama, favorecendo experiências mais ricas.

Entretanto, diferentemente dos psicodélicos, que tendem à dessincronização cortical generalizada, o transe xamânico apresenta um padrão mais organizado, com redução de alfa e aumento em bandas específicas. Isso indica uma reorganização funcional, reforçando que diferentes caminhos geram assinaturas neurais próprias.

Também há indícios de mudanças duradouras, com alterações na conectividade funcional que persistem fora do transe, sugerindo efeitos de longo prazo. Assim, o xamanismo pode ser compreendido como um processo contínuo de treinamento cognitivo e perceptivo.

Em síntese, o transe xamânico é distinto, mas comparável aos estados induzidos por psicodélicos, evidenciando que a mente possui recursos internos capazes de modular profundamente a experiência consciente.

Referências:

Stewart, R.J. - [Música e psique - as formas musicais e os estados alterados da consciência](#). Círculo do Livro, 1987



Relação com os guias: sintonia moral e responsabilidade espiritual

Médium Menelle Pires

Durante a vivência mediúnica, é natural buscar proximidade com os nossos guias espirituais, sentir sua presença, confiar em sua orientação e agradecer por todo amparo. No entanto, a relação com a espiritualidade não se sustenta apenas pelo vínculo mediúnic, mas principalmente pela sintonia moral que construímos no dia a dia.

A Doutrina Espírita ensina que os espíritos se atraem por afinidade de pensamentos, sentimentos e inclinações, conforme apresentado no *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, ao tratar das relações entre eles, compreende-se que “os espíritos simpáticos são aqueles que se atraem pela analogia dos gostos e sentimentos”, evidenciando que a aproximação espiritual não ocorre por imposição, mas por sintonia.

Dessa forma, quando nossas posturas se afastam dos princípios morais ensinados pelo cristianismo, como o amor ao próximo, a humildade, a caridade, o perdão e a responsabilidade, não são os guias que se afastam por escolha ou reprovação, mas o próprio elo, baseado na sintonia, que se enfraquece. A conexão espiritual baseia-se na qualidade dos nossos pensamentos, sentimentos e atitudes, e é essa afinidade que permite maior ou menor proximidade com os guias que nos orientam e acompanham durante nossa trajetória terrestre.

A espiritualidade ensinada por Jesus nunca se apoiou apenas em palavras, mas na vivência prática da transformação e evolução interior, conduzindo à responsabilidade individual e evidenciando que não basta buscar orientação espiritual se não há esforço sincero de alinhamento com aquilo que se aprende.

Quando há desalinhamento entre a conduta e os princípios morais, o médium pode sentir dificuldade em perceber a presença e orientações dos seus guias com clareza, experimentando confusão, distanciamento ou até mesmo silêncio espiritual. Esse processo não representa abandono, mas consequência natural da ausência de sintonia, lembrando que os guias continuam presentes em amparo, mas a comunicação se torna mais sutil, mais distante, menos acessível àquele que ainda não se ajustou interiormente.

Isso conduz a uma reflexão importante: que tipo de relação está sendo construída com a espiritualidade? Uma relação baseada em presença consciente e responsabilidade ou uma busca por respostas sem compromisso com a própria transformação? Os guias nos orientam, caminham junto conosco, mas não sustentam incoerência e não substituem o esforço individual; há um profundo respeito pelo livre-arbítrio.

A partir disso, não podemos esquecer que a espiritualidade não pede por perfeição, tendo em vista que reencarnamos exatamente visando a oportunidade de evolução, mas sim por melhorias, já que o reconhecimento e a correção dos erros restituem a sintonia afetada. Dessa forma, quanto mais nos alinhamos com os princípios do cristianismo, mais forte será a nossa sintonia com nossos guias espirituais e mais clara se torna essa relação. Afinal, não são os guias que se afastam por sua própria escolha, mas sim nós que mantemos essa distância devido à falta de harmonia com os princípios que deveriam nos guiar.

Referências Bibliográficas:

- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.
KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.
KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.
XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso lar*. Pelo espírito André Luiz. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.
XAVIER, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. Pelo espírito André Luiz. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.



Maria Madalena: símbolo de transformação e fidelidade espiritual

Médium Camila Vidal

Também chamada Maria de Magdala, Maria Madalena é uma das figuras mais marcantes do Evangelho e uma das mulheres mais lembradas na tradição cristã. Seu nome deriva da cidade de Magdala, às margens do mar da Galileia, onde provavelmente nasceu. Nos Evangelhos canônicos, ela é apresentada como seguidora fiel de Jesus Cristo, testemunha de sua morte e primeira a vê-lo após a ressurreição, o que a torna símbolo de amor e redenção.

O Evangelho de Lucas (8:2-3) relata que Maria foi liberta por Jesus de “sete demônios”, expressão entendida por estudiosos como metáfora para doenças espirituais ou perturbações morais. A partir dessa cura, ela dedicou-se integralmente à vida de fé, acompanhando Jesus em suas pregações e sustentando-o com seus próprios recursos. Nos Evangelhos de João (19:25) e Marcos (15:40-41), Madalena é citada entre as mulheres que permaneceram ao pé da cruz quando quase todos os discípulos fugiram.

A Bíblia registra um momento de profunda revelação espiritual: quando Maria, ao visitar o túmulo de Jesus na manhã do terceiro dia, encontra-o ressuscitado e ouve dele as palavras “Maria!” — ao que responde: “Rabbuni!” (João 20:16). Nesse instante, ela se torna a primeira mensageira da ressurreição, sendo enviada a anunciar aos apóstolos que o Cristo vive. Essa cena confere a Madalena uma importância histórica e espiritual única: ela é a portadora do anúncio que transformaria o destino do Cristianismo.

Durante séculos, tradições equivocadas associaram Maria Madalena à figura da mulher adúltera ou prostituta, mas a própria Bíblia não sustenta essa interpretação. A Doutrina Espírita reforça essa distinção, apresentando-a como exemplo de regeneração moral e de elevação da consciência. Em obras mediúnicas e estudos espíritas, como os de Emmanuel e Chico Xavier, Maria Madalena é descrita como um espírito profundamente sensível, que, após conhecer Jesus, renunciou às ilusões do mundo e dedicou-se à prática do bem, tornando-se exemplo de fé e trabalho silencioso.

No pensamento espírita, ela representa o espírito que, mesmo tendo caído em equívocos, reergue-se pela força do amor e da humildade. Sua transformação mostra que nenhum ser está condenado eternamente, pois todos estamos destinados à luz do progresso e à redenção. Como ensina Allan Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, “fora da caridade não há salvação” — princípio que se espelha na trajetória de Madalena, cuja caridade se manifesta em lágrimas, perdão e serviço.

Espiritualmente, Maria Madalena encarna a mensagem de Jesus sobre o arrependimento e a fé ativa. É lembrada por sua coragem ao permanecer ao lado do Mestre até o fim, por sua capacidade de amar sem medida e pela pureza de sua devoção. Sua figura inspira o cristão e o espírita a compreender que o verdadeiro encontro com o Cristo ocorre no íntimo da alma, quando o orgulho é vencido e o coração se abre ao bem.

Maria Madalena é símbolo da alma que se liberta pela verdade, modelo de fidelidade e transformação interior. Nos Evangelhos, ela representa a primeira testemunha da vida eterna; na visão espírita, é o exemplo do espírito que reencontra sua luz através do amor e do serviço ao próximo. Sua história é uma lição atemporal: quem busca o Cristo com sinceridade nunca mais é o mesmo, pois encontra na fé o caminho de sua própria libertação.

Referências:

BÍBLIA SAGRADA. *Evangelho segundo Lucas 8:2-3; João 20:11-18; Marcos 15:40-41*. São Paulo: SBB, 2001.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2020.

XAVIER, Francisco Cândido; EMMANUEL (espírito). *Pão Nosso*. 54. ed. Brasília: FEB, 2018.



Salve as Folhas

Médium Guilherme Friaça

As pretas velhas e os pretos velhos, na Umbanda, são entidades associadas à sabedoria ancestral, à cura, à paciência e à humildade. Esse saber, dentro da tradição umbandista, é frequentemente relacionado à memória espiritual dos povos africanos escravizados que foram arrancados de suas terras e trazidos para o Brasil. O grupo étnico banto, do qual eram provenientes mais de 70% dos escravizados que viveram sua vida em solo brasileiro, corresponde hoje aos países africanos Angola e Congo. Esses povos já possuíam profundo conhecimento sobre folhas, raízes, cascas e sementes, utilizando as ervas para cura física, espiritual e ritualística. Na Umbanda, esse conhecimento reaparece como herança ancestral, preservado na prática das entidades que trabalham com a força das ervas.

Entre as ervas mais utilizadas pelas pretas velhas e pretos velhos está a arruda (*Ruta graveolens L.*), muito conhecida por seu poder de proteção e limpeza espiritual, embora seja uma planta europeia, ela foi incorporada ao saber afro-brasileiro e passou a fazer parte dos rituais de limpeza e benzimento. Outra erva muito comum é a guiné (*Petiveria alliacea L.*), de origem africana, considerada uma erva forte, utilizada para descarrego espiritual e quebra de energias densas. O uso dessas ervas mostra a mistura de conhecimentos indígenas, africanos e europeus que formam a base da Umbanda.

O alecrim (*Salvia rosmarinus*) também é uma erva muito associada às pretas velhas, principalmente por sua capacidade de trazer ânimo, clareza mental e elevação espiritual. Povos bantos já utilizavam ervas aromáticas em banhos e defumações para limpeza espiritual e fortalecimento da mente e do espírito. Na Umbanda, o alecrim passa a ocupar esse

lugar de erva de luz, utilizada para renovar as energias e trazer equilíbrio emocional e espiritual.

Outra erva bastante utilizada é a folha de amora (*Morus nigra*), muito relacionada à cura, à calma e ao equilíbrio emocional. O uso de chás medicinais e folhas maceradas era muito comum entre os povos africanos, que possuíam grande conhecimento de fitoterapia. A também aparece nesse trabalho, especialmente em banhos e chás voltados para tranquilizar a mente, melhorar o sono e trazer conforto espiritual, mostrando como o cuidado com o corpo e com o espírito sempre caminham juntos nesse saber ancestral.

O é outra erva muito presente, utilizada para limpeza espiritual mais suave e para harmonização do ambiente. Entre povos de origem banto, as folhas eram consideradas portadoras de força vital, e seu uso em banhos, infusões e defumações fazia parte de rituais de proteção e cura. Na Umbanda, o manjeriço continua sendo uma erva de equilíbrio, muito usada em benzimentos e rituais de harmonização espiritual, preservando essa visão de que a folha é portadora de axé e de força sagrada.

Por fim, é importante lembrar que, na Umbanda, o uso das ervas sempre está ligado à intenção, à oração e à orientação espiritual, algo que também estava presente nas práticas africanas tradicionais, onde o uso das plantas era acompanhado de cânticos, rezas e invocações. Assim, o trabalho das pretas velhas e pretos velhos com ervas nada mais é do que a continuidade de um saber ancestral que sobreviveu à escravidão, atravessou gerações e hoje se manifesta na Umbanda como prática de cura, caridade e sabedoria espiritual.

***Recordamos que, no ACVE, a indicação de banhos é prerrogativa do pai de santo e das mães de terreiro.**

Referências:

- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1989.
CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.
TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Ícone, 1991.
VERGER, Pierre. *Folhas sagradas: sistema de classificação de plantas no candomblé jeje-nagô da Bahia*. Salvador: Corrupio, 1995.
VERGER, Pierre. *O candomblé da Bahia*. Salvador: Corrupio, 2002.



Umbanda tem fundamento. É preciso conhecer

A cada edição, o jornal Estrela Guia de Aruanda traz indicações de livros, filmes, canais, podcasts e outros conteúdos relacionados à Espiritualidade. O objetivo é compartilhar boas dicas de conhecimento sobre o universo da magia e do sagrado, sempre com responsabilidade e fundamento.

Confira, a seguir, algumas sugestões:

LIVROS



O Livro Africano sem Título

A obra apresenta reflexões sobre espiritualidade e filosofia de matriz africana, valorizando a ancestralidade e a relação entre mundo visível e invisível. A obra destaca a importância da tradição oral e do conhecimento vivido. Aborda forças espirituais, energia vital e equilíbrio com a natureza. Também critica visões ocidentais que reduzem essas cosmologias. Por fim, propõe uma compreensão mais integrada do ser humano com o cosmos.



O Livro Básico dos Ogãs

A obra resume o papel dos ogãs, destacando que são homens iniciados que não entram em transe, mas exercem funções essenciais no terreiro. Explica suas responsabilidades, como tocar atabaques, manter a ordem e apoiar as lideranças. Aborda também a hierarquia entre os diferentes tipos de ogãs. O livro enfatiza a importância da disciplina, respeito e compromisso com a tradição. Por fim, mostra que o aprendizado ocorre principalmente pela vivência dentro do terreiro.

PLATAFORMAS DIGITAIS



Linha das Almas: O Fundamento Invisível Que Sustenta Toda a Umbanda

No vídeo se explica o que é a Linha das Almas, por que, na visão do autor, ela sustenta toda a estrutura da Umbanda e como o enfraquecimento dessa linha gera banzo, luto não resolvido, culpa persistente e a sensação de vida "preto e branco". [Acesse aqui.](#)

★ ESTRELA GUIA DE ARUANDA ★



Estrela Guia de Aruanda



As imagens que ilustram esta edição foram retiradas de bancos de domínio público, ou seja, sem direitos autorais. As demais artes foram geradas e manipuladas em ferramentas de Inteligência Artificial.



AÇÃO CRISTÃ VOVÔ ELVÍRIO

Viver para aprender, Aprender para viver.